

Desenho, patrimônio e cotidiano: a experiência do projeto de extensão natal desenhada (UFRN, Brasil)

Eunádia Silva Cavalcante¹, José Clewton do Nascimento²

Drawing, heritage and everyday life: the experience of the extension project natal desenhada (UFRN, Brazil)

Introdução: projeto de extensão Natal Desenhada: articulação entre desenho e educação patrimonial.

Natal Desenhada é um projeto de extensão vinculado ao Departamento de Arquitetura da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), que é realizado em parceria com o grupo Urban Sketchers Natal³. A proposta está ancorada na prática do “estar no lugar” e apresenta como objetivo fomentar discussões acerca do patrimônio cultural utilizando o desenho de locação como linguagem / forma de expressão. Trata-se de um conjunto de ações, que têm vindo a ser realizadas ao longo de cinco anos, articulando os encontros para desenhar propriamente ditos, com as atividades de educação patrimonial através da dinamização de rodas de conversa provocadas por enfoques escolhidos previamente, e que abordaram potencialidades e riscos, descaso, ações de valorização do patrimônio cultural, entre outros temas. A meta é possibilitar que a comunidade possa ser incluída nas discussões, desta forma cumprindo aquele que se entende ser o objetivo maior de uma instituição de ensino, que é o de produzir e universalizar o conhecimento, superando os limites que dividem a universidade da sociedade.

As atividades vinculadas ao projeto são norteadas por duas premissas: o desenho como linguagem de apreensão dos lugares; e a prática da educação patrimonial, partindo de uma abordagem alargada ao patrimônio cultural (patrimônio como herança,

¹ Eunádia Silva Cavalcante, Doutora em Arquitetura, Professora Adjunta da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Departamento de Arquitetura
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9245-4995>
e-mail: eunadia.cavalcante@ufrn.br

² José Clewton do Nascimento, Professor Associado da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Departamento de Arquitetura
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9723-9207>
e-mail: jotaclewton@gmail.com

³ O coletivo Urban Sketchers Natal é um dos grupos integrantes de um conjunto maior de desenhadores de todo mundo, que se reúne para fazer desenhos de locação, através da observação direta, e compartilhar nas redes sociais os registros, de modo a estabelecer uma relação de (re)conhecimento entre todos os desenhadores do mundo. Os desenhos contam histórias do dia a dia, dos lugares em que vivemos, e para onde viajamos. O USK Natal já percorre as ruas da capital potiguar desde 2012.

patrimônio como constructo – apropriação, resignificação, incorporação do cotidiano como base nesse constructo) que engloba as práticas cotidianas.

Com relação à primeira premissa, partimos da compreensão que o desenho consiste em “uma das múltiplas linguagens que produzem um conhecimento mais rico sobre tudo que nos cerca” (KUSCHNIR, 2012, p. 295), possibilitando-nos “conhecer o mundo”: “apresentar, revelar, manifestar, expor, marcar, dar provas de, realçar, atestar, salientar, deixar ver, fazer compreender, demonstrar, tornar visível” (KUSCHNIR, 2012, p. 296), e associando, assim, a prática do desenhar a um processo informal de aprendizado sobre uma pluralidade de objetos e matérias (BREHM, in *Urban Sketchers em Lisboa: Desenhando a cidade*, 2012, p.20).

No que se refere à segunda premissa, relativa à definição de patrimônio cultural numa perspectiva mais alargada, extrapolando o âmbito da excepcionalidade, buscamos reforçar a importância dos vínculos constituídos pela prática cotidiana e pelo processo de reconhecimento do valor do lugar na construção desta mesma ideia de patrimônio. Neste sentido, a contribuição que a educação patrimonial nos traz é fundamental, tendo em linha de conta a definição apresentada na Portaria nº 375, de 19 de setembro de 2018, Art.7º:

Entende-se por Educação Patrimonial todos os processos educativos formais e não formais, construídos de forma coletiva e dialógica, que tem como foco o Patrimônio Cultural socialmente apropriado como recurso para a compreensão sócio-histórica das referências culturais, a fim de colaborar para sua preservação.

Ademais, consideramos que “o processo educacional é mais amplo que a escolarização – inserindo-se em contextos culturais nos quais a instituição escolar não é o único agente educativo” (IPHAN, 2014, p. 27).

Ancorados nessas abordagens, e tendo como ponto de partida as reflexões já realizadas e apresentadas em artigos anteriores⁴, listamos aspectos relevantes que norteiam as atividades propostas pelo projeto de extensão, a saber:

⁴ Listamos alguns artigos publicados em livros, revistas e anais acerca do assunto em questão: Nascimento, J. C. Cavalcante, E. S.; Alves, A. & Dantas, P. (2020). *Desenho de rua + educação patrimonial: algumas atividades do grupo USK Natal (2012-2019)*. In: Ferreira, A. C.; Silva, D. P.; Medeiros, G. L.; Olímpio, M. L. (Org.). *A cidade não para e a memória não perece: a preservação patrimonial e as transformações urbanas na contemporaneidade*. 1ªed. Porto Alegre / RS: Editora Fi, v. 1, p. 125-150;

Nascimento, J. C. & Cavalcante, E. S. (2020). *Ribeira Desenhada: apropriar, desenhar e conversar (na rua) sobre o patrimônio cultural*. In: Maia, D. S; Moura Filha, M. B. & Martins, P. D. (Org.). *A rua e a cidade: múltiplos olhares*. 1ªed. João Pessoa: EUFPB, v. 1, p. 49-70;

Nascimento, J. C. & Cavalcante, E. S. (2019). *Ribeira Desenhada: desenhar e conversar sobre patrimônio cultural*. Anais do 11º Mestres e Conselheiros, Belo Horizonte;

Nascimento, J. C. & Cavalcante, E. S. (2022). *Natal Desenhada, edição Alecrim: como foi possível estar no lugar durante a pandemia*. Anais do XXXVIII ENSEA.

- Os processos educativos devem primar pela construção coletiva e democrática do conhecimento (Freire, 2011);

- Ao enfatizarmos a necessidade do alargamento do conceito de patrimônio cultural e da incorporação da prática cotidiana como elemento fundamental nessa discussão, consideramos abordar o acesso e as práticas inclusivas como aspectos fundamentais para a discussão;

- É condição *sine qua non* a participação efetiva das comunidades detentoras e produtoras das referências culturais nestes processos, como agentes ativos;

- As ações a serem propostas devem ter um caráter dinâmico e criativo, a ampliar o entendimento dos vários aspectos que constituem o nosso patrimônio cultural (formação de cidadania, identidade, memória, práticas cotidianas);

- A cidade deve ser entendida como espaço educativo. Neste aspecto, corroboramos com Moll (2009, p. 15 apud IPHAN, 2014, p. 24), quando se afirma que “a cidade precisa ser compreendida como território vivo, permanentemente concebido, reconhecido e produzido pelos sujeitos que a habitam”.

Ao articular estas duas premissas, partimos do princípio de que a atividade do desenhar promove a possibilidade de permanência e interação com os espaços registrados, uma ação indispensável para a criação de laços de afetividade com os lugares e de pertencimento para que as pessoas possam de alguma forma se reconhecer como sendo parte destes (NASCIMENTO; CAVALCANTE, 2022).

Avançando com esta base teórico-conceitual, e a partir da definição da temática (patrimônio cultural) e do universo empírico onde serão desenvolvidas as atividades, passamos a definir também as temáticas a serem abordadas em cada um dos encontros, que irão orientar a escolha dos locais a serem registrados por desenhos. Com relação às atividades a serem realizadas, segue-se o seguinte encaminhamento:

- Cada um dos encontros têm início com a atividade do desenhar, no entanto esta atividade apresenta objetivos distintos em cada encontro que se adequam à dinâmica de cada lugar;

- Em seguida, ocorre a sessão de compartilhamento dos desenhos;

- Realização da roda de conversa, motivada pelo tema do dia e pelo conjunto de desenhos realizados;

- Apresentação/discussão sobre o que foi apreendido e registrado pelos participantes.

O cerne dessa metodologia foi utilizado em todas as cinco edições do projeto, ocorrendo algumas incorporações de atividades durante este processo, que serão identificadas à medida que os relatos forem sendo apresentados neste artigo.

O projeto teve início no ano de 2018, face a um momento de ampliação das discussões acerca do reconhecimento do bairro da Ribeira como espaço representativo do patrimônio cultural de Natal, bem como sobre possíveis propostas de ações de reabilitação urbana para a área. Em 2019, as ações ocorreram no bairro da Cidade Alta que, além de ser o núcleo original da cidade de Natal, é visto como um dos espaços mais significativos no que diz respeito ao patrimônio cultural da cidade, nas instâncias do patrimônio material e imaterial, abrigando iniciativas populares que reforçam e/ou procuram manter vivas as tradições locais.

Tendo por base a definição da temática (patrimônio cultural) e do universo empírico onde cada atividade foi desenvolvida, as edições dos primeiros dois anos do projeto de extensão Natal Desenhada ocorreram de modo presencial, nos dois bairros mais antigos da cidade, cujas ações de educação patrimonial aconteceram no sentido de construir conexões com as gerações que só conheceram os referidos bairros após a decadência da ocupação; ou que desconhecem as atividades culturais e a arquitetura remanescente, pelo fato de nunca terem frequentado esses locais. Nesse sentido, compreendemos que a atividade do desenhar / observar é capaz de potencializar e fomentar as discussões acerca das dificuldades encontradas nas tentativas de valorização / requalificação dos espaços, ou acerca do processo de descaso / abandono vivenciado pelos bairros, cumprindo o propósito de tornar-se um agente de educação patrimonial.

Destaca-se que, nessas duas edições, foi incorporada uma outra ação de cunho cultural, nomeadamente, a apresentação musical, seja de grupos tradicionais da cidade, com alguma relação ao local de ocorrência do encontro, ou de grupos de extensão da própria universidade, buscando reforçar os vínculos entre as ações desenvolvidas no âmbito da própria instituição (Figuras 01 e 02).



Figura 01 – Registros de um dos encontros da edição Ribeira Desenhada. Desenhos e roda de conversa. Fonte: Acervo dos autores



Figura 02– Cartaz de divulgação e registros de imagens de um dos encontros da edição Cidade Alta Desenhada. Fonte: Acervo dos autores

Os resultados positivos das ações desenvolvidas nessas edições, nos motivaram a dar continuidade ao projeto no ano de 2020, considerando o entendimento acerca da importância das ações de extensão no processo de aproximação entre os saberes acadêmicos e o cotidiano das nossas cidades. No ano de 2020, o projeto buscou levar a discussão sobre patrimônio para um dos bairros mais populares da cidade – o Alecrim. No entanto, para esta terceira edição, foi necessária uma adequação em relação ao desenvolvimento das atividades para o modelo remoto, em decorrência das recomendações de isolamento social (COVID 19). Neste artigo, daremos destaque às edições que ocorreram durante os dois anos do período mais agudo da pandemia e o regresso recente ao modelo presencial.

1. OS ANOS DA PANDEMIA (2020 e 2021): os percursos virtuais no bairro popular do Alecrim e os passos adiante no Natal Desenhada em Movimento.

Com a decretação do isolamento social em março de 2020, tomámos conhecimento de que muitos dos estudantes que acompanham o projeto de extensão haviam voltado para as suas cidades de origem no próprio Rio Grande do Norte ou até em outros estados do país. Por outro lado, o grupo Urban Sketchers também aguardava orientações sobre como dar continuidade às suas atividades, uma vez que, por princípio, o desenho de locação pressupõe o seu desenvolvimento no lugar em que se encontra o objeto a ser desenhado. Uma vez que a coordenação internacional do grupo decidiu que, a título excepcional, fossem utilizadas ferramentas como o *Google Street View* para simular um encontro para desenhar em qualquer lugar da cidade, e, ao mesmo tempo, a UFRN regulamenta, em caráter excepcional, a oferta de componentes curriculares e

de outras atividades acadêmicas no formato remoto, os coordenadores do projeto, propuseram as adequações que seriam necessárias à sua continuidade nesta modalidade.

Desta forma consideramos que: 1. Seria adotado o recurso do *Google Street View* ou vídeos disponíveis na internet para simular o “estar no lugar” para desenhar os espaços da cidade; 2. Utilizaríamos o Google Meet, para a realização da roda de conversa e exposição de desenhos; 3. Manteríamos a participação de temas de conversa que tivessem alguma relação com o bairro; 4. Estimularíamos a apresentação dos desenhos, por parte dos participantes, mantendo a tradição da “exposichão” final, renomeada de “exposilive”.

1.1. Alecrim Desenhado: o popular como patrimônio cultural.

Nesta edição, pensada originalmente para o modo presencial, a alteração mais significativa em relação às edições anteriores, dar-se-ia pela valorização do protagonismo dos participantes nas atividades desenvolvidas em cada encontro, sendo que, para além da realização dos registros gráficos, os desenhadores seriam desafiados a identificar elementos caracterizadores do lugar registrado (patrimônio material / imaterial; cotidiano; tradição; usos e apropriações dos espaços). De forma a que, estes registros, a princípio individuais, ao serem coletivizados, gerassem discussões acerca dos aspectos identificadores do lugar. Em relação aos enfoques, foram definidos quatro eixos, inicialmente denominados de: 1. As origens do bairro do Alecrim; 2. Saberes e formas de expressão no cais do sertão; 3. A lógica e a diversidade do bairro; 4. Os descasos ao patrimônio. Todos os enfoques apresentados foram permeados pela ideia de que estes se tratam, também, de espaços de sociabilidade.

Deste modo, considerando as restrições impostas pelo momento, o número de encontros foi reduzido para três, sendo divulgados com antecedência nas mídias sociais do grupo UsK Natal, incluindo a sugestão de percursos a serem realizados de forma virtual e indicando edificações ou lugares significativos do ponto de vista patrimonial e/ou cultural para o bairro.

O primeiro encontro teve como tema: As origens do bairro do Alecrim, cujo percurso virtual se deu nas imediações do cemitério público e da Igreja de São Pedro. Como mote para a conversa, Thiago Medeiros – ator, poeta e produtor cultural, – trouxe para discussão as memórias pessoais de quem viveu no bairro e a sua experiência como artista que assistiu ao encerramento de importantes espaços culturais, como o Teatro Municipal Sandoval Wanderley (o teatrinho do povo), que, inclusivamente sofreu a ameaça de demolição para a construção de um centro comercial (Figura 03).

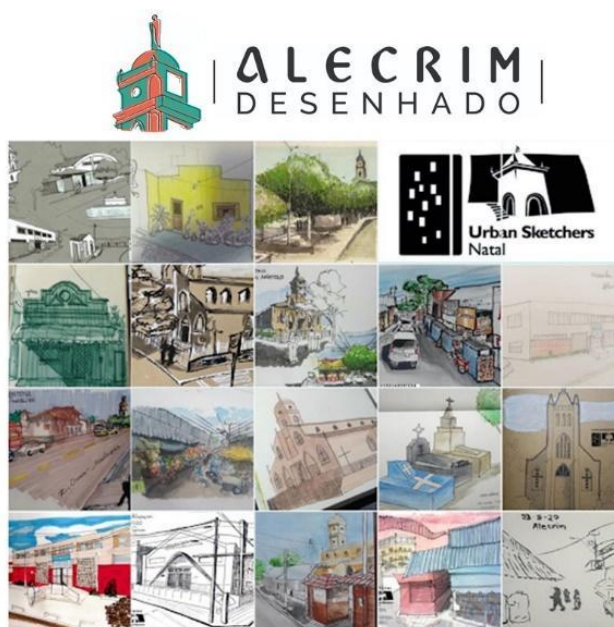


Figura 03– Desenhos de um dos encontros da Edição Alecrim Desenhado.

Fonte: Acervo dos autores

Durante a apresentação dos registros, os participantes puderam conversar sobre as descobertas feitas ao longo do percurso virtual e sobre suas experiências vividas no bairro, antes da pandemia. Sendo moradora do bairro, uma das participantes, partilhou relatos do movimento do Alecrim durante os primeiros momentos de isolamento e a resistência em fechar estabelecimentos comerciais, que se verificou durante a pandemia.

O segundo encontro abordou os descasos ao patrimônio e teve como cenário o entorno da Praça Gentil Ferreira, lugar central do comércio de bairro e palco histórico de manifestações políticas, notadamente a campanha pela redemocratização do país na década de 1980. Nessa atividade, os participantes puderam identificar e registrar os marcos na paisagem, as transformações nos edifícios decorrentes da lógica propagandística do comércio, os usos e apropriações dos espaços públicos.

O arquiteto Daniel Viana expôs a experiência do corpo na cidade, utilizada na elaboração do seu Trabalho Final de Graduação – em que o pesquisador interage diretamente com o objeto de estudo, através da realização de percursos pelas ruas do bairro e registros imagéticos e sonoros. Através desta experiência, pôde assimilar as dinâmicas existentes no bairro que, para atender a interesses imobiliários, é apresentado na mídia como estando abandonado, caótico e inseguro, justificando, assim, uma intervenção que desconsidera as necessidades dos moradores e a existência do comércio popular que compõem a sua identidade, propondo uma intervenção de modernização e higienização que prevê a retirada do comércio ambulante e a instalação de centros comerciais.

Tendo como tema a lógica e a diversidade, o último encontro virtual ocorreu na tradicional Feira do Alecrim, mais concretamente no centenário do evento que seria comemorado no dia 18 de julho de 2020. Considerando não ser possível obter imagens internas do recinto via *Google Street View*, optou-se pela seleção de vídeos compartilhados na internet, que retratassem o cotidiano da feira, rico em construções de sociabilidades, tanto do ponto de vista da atividade comercial, quanto pelas relações de vínculo afetivo, a história, a memória social e de lugar, as tradições; a cultura. Durante as discussões, o professor e historiador Luciano Capistrano e a Arquiteta e Urbanista Ruth Ataíde, destacaram aspectos como: o bairro enquanto suporte dos saberes e formas de expressão do sertão, de onde se origina boa parte da população do bairro; o Alecrim como espaço do acolhimento (“aquilo que o centro “rejeita” – cemitério, leprosário), um local que já foi uma importante referência na vida cultural da cidade (conjugando recintos e eventos culturais - teatros, cinemas, festas); o bairro como espaço tradicional da política; a feira como expressão maior da economia de base popular (trabalho e sociabilidades); o lugar de realização da vida e das práticas cotidianas (moradores / vendedores / compradores); a feira como lugar de histórias, memórias e afetos; a feira como espaço de apreensão estética (os seus sons, cheiros, texturas); a feira como o lugar de movimento, evidenciando que também existe lógica num aparente caos. Em síntese, a feira como patrimônio cultural (material e imaterial) da cidade, e como expressão da vida popular.

Desta experiência virtual de execução das atividades, percebe-se a limitação do *Google Street View* para a escolha do ângulo e distanciamento do objeto a ser desenhado. Em algumas situações, o mesmo edifício apresenta cores e aspectos diferentes, uma vez que existe um acúmulo de imagens que foram registradas em anos distintos. Por outro lado, mesmo com a estratégia de desfocar a face das pessoas, é possível registrar cenas do cotidiano e perceber o uso dado aos espaços livres da cidade. De modo que, as ferramentas digitais adotadas, apesar de terem possibilitado a realização dos três encontros virtuais, no nosso entendimento, apresentam limitações e, portanto, não são capazes de substituir a experiência de “estar no lugar”.

1.2. Natal Desenhada em Movimento: um percurso virtual por municípios do Rio Grande do Norte.

Para a realização da 4ª edição, em 2021, com a manutenção das recomendações de isolamento social, decidiu-se estender as atividades para outros municípios do Estado do Rio Grande do Norte. As áreas de intervenção foram selecionadas por contarem com um acervo patrimonial representativo da sociedade que a conformou; e por terem instituições de ensino públicas que se tornaram parceiros no desenvolvimento das atividades; instituições estas que, por outro lado, se encontravam sob a ameaça de desmonte e sucateamento, com cortes expressivos de recursos, nos últimos anos. A

extensão seria, portanto, igualmente um importante meio de reforço da parceria pré-existente entre essas instituições. Os municípios selecionados para a realização das atividades foram: Pau dos Ferros, no Oeste Potiguar; Caicó, no Seridó; São Paulo do Potengi, no Agreste Potiguar; Ceará-Mirim e São Gonçalo do Amarante, na Região Metropolitana de Natal.

Ressaltamos a importância atribuída à atividade de divulgação de cada um dos encontros, em que optámos pela elaboração de linguagem gráfica atrativa, lúdica, produzida pelos bolsiros do projeto de extensão, e que foi alvo de comentários elogiosos durante todo o processo de execução do projeto.

Como dinâmica utilizada, retomámos a utilização do recurso do *Google Street View* para simular o “estar no lugar” e vídeos disponíveis na internet para desenhar os espaços da cidade e de alguns espaços rurais. Cabe destacar a incorporação, nos dois últimos encontros, de uma oficina de técnicas de desenho de observação, realizada com o intuito de incentivar os participantes a fazerem os seus registros, mesmo não tendo o hábito ou a prática do desenho.

Continuamos a utilizar a plataforma *Google Meet*, para a realização da roda de conversa e exposição de desenhos, bem como mantivemos a participação de motes de conversa, a partir das temáticas estabelecidas para cada um dos encontros, de acordo com as particularidades de cada município com relação ao patrimônio cultural.

No que diz respeito às rodas de conversas ocorridas nos eventos: a diversidade de perfis dos interlocutores (professores / pesquisadores universitários e dos institutos federais; arquitetos e urbanistas – alguns naturais dos municípios selecionados; poetas, cordelistas, cantadores, produtores culturais), foram ao encontro da multiplicidade dos temas discutidos: arquitetura popular / apropriação popular dos espaços; o artesanato; a cultura popular; a indissociabilidade entre patrimônio material e imaterial; necessidade premente de planejamento com relação às políticas urbanas; a importância do ensino de História e da pesquisa, no processo de valorização do patrimônio cultural, da memória e da História – individual e coletiva; necessidade de dar visibilidade a histórias que são “invisibilizadas”, como as dos negros e indígenas; a necessidade premente de ações de (re)valorização dos conjuntos do patrimônio cultural edificado, notadamente os exemplares da arquitetura rural). Estes aspectos estiveram em plena consonância com os registros que foram realizados durante os eventos (Figura 04).

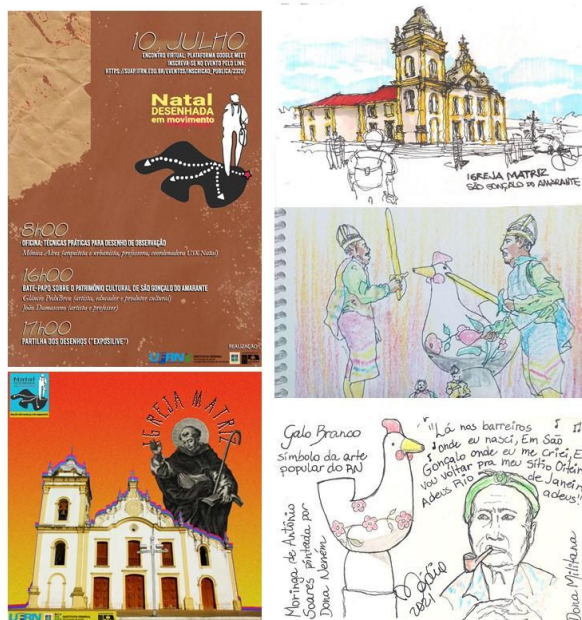


Figura 04– cartazes de divulgação e alguns desenhos realizados em um dos encontros da edição Natal Desenhada em Movimento. Fonte: Acervo dos autores

Por fim, ressaltamos que, no momento em que deixou de ser possível a prática do “estar juntos na rua”, discutindo, apreendendo e ampliando a noção de patrimônio em vários lugares da cidade e noutras cidades, buscámos meios virtuais de comunicação e de encontro. Buscámos ainda, desta maneira, ampliar a rede de contatos e o olhar sobre o patrimônio pelo interior do estado e, apesar das dificuldades de adaptação ao modo remoto, as transmissões ao vivo permitiram a participação de pessoas de outras cidades e estados do país e até de outros países, como Portugal.

2. O retorno ao presencial: a Zona Norte de Natal em foco.

Por fim, com o retorno às atividades presenciais em 2022, mas, por outro lado, enfrentando a ameaça de desmonte e sucateamento das instituições de ensino, na sequência dos já referidos cortes expressivos de recursos, ocorridos recentemente, o projeto atravessa o rio Potengi e procura estabelecer parcerias com as escolas públicas da região norte da cidade. Esta é uma região formada, em grande parte, por conjuntos habitacionais populares e que possui um patrimônio ambiental expressivo, além de abrigar uma área urbana de produção de alimentos. Formada por 7 bairros: Lagoa Azul, Pajuçara, Potengi, Nossa Senhora da Apresentação, Redinha, Igapó e Salinas, tem uma população estimada em 353.905, num território 5.888,50 Ha. Essa é a Zona Norte, lugar de morada e de uma intensa atividade econômica, tendo grandes polos de comércio além de grande potencial da indústria do turismo. A sua ocupação foi intensificada nos finais da década de 1970 com a expansão dos conjuntos habitacionais. As milhares de casas construídas pela Companhia de Habitação Popular (COHAB) deram uma nova feitura a essa região da cidade de Natal. Antes, lugar de granjas e fazendas, aos poucos

foi sendo ocupada até alcançar as características socioeconômicas atuais. Uma zona que conta, por fim, com instituições de ensino médio que se apresentam como potenciais parceiros para o desenvolvimento das atividades a serem propostas.

Após duas edições que ocorreram de modo remoto, tendo em vista a necessidade de adequação devido à condição de isolamento social recomendada pelas instituições sanitárias, delineamos uma proposta para a 5ª edição deste projeto considerando, então, a possibilidade de estendermos as atividades, antes circunscritas ao núcleo urbano mais antigo da cidade do Natal. Cabe, porém ressaltar que as motivações para a continuidade do projeto foram amparadas nos aspectos elencados nas edições anteriores, notadamente: a continuidade das experiências reforçou o nosso entendimento acerca da importância das ações de extensão no processo de aproximação entre os saberes acadêmicos e a realidade vivenciada em nossas cidades; a confirmação da nossa premissa de que atualmente a noção de patrimônio extrapola o âmbito da excepcionalidade, dizendo respeito também a vínculos constituídos pela prática cotidiana e pelo processo de reconhecimento da prática do desenhar como promotora da valorização dos espaços registrados (mesmo que, excepcionalmente, de modo remoto), uma ação indispensável para a criação de laços de afetividade com os lugares e de pertencimento para que as pessoas possam, de alguma forma, reconhecer-se como parte destes. Contamos também com o fato motivador do projeto ter sido selecionado para representar o Rio Grande do Norte na etapa final do Prêmio Rodrigo Melo de Andrade, edição do ano de 2020, na categoria “Patrimônio Material”, seguimento “Universidades públicas e privadas”⁵.

Nesta edição, as alterações mais significativas dizem respeito tanto à dinâmica dos encontros que foi aplicada na edição anterior, uma vez que as atividades estão ocorrendo de forma presencial, bem como à incorporação da atividade prévia de uma oficina, organizada a partir do contato e parceria com as escolas, a ser realizada semanalmente, nas datas a definir com os representantes das escolas parceiras, e tendo em como foco o patrimônio cultural – material e imaterial – do local em que estas se situam. Uma importante contribuição é a participação do professor Luciano Capistrano, através de uma proposta metodológica construída a partir de pesquisa desenvolvida no Mestrado Profissional em Ensino de História (PROFHISTÓRIA UFRN), intitulada “Os Envelopes de CLIO⁶: a elaboração de fontes para o ensino de História Local na escola

⁵ O Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) é o órgão responsável pela instituição do Prêmio Rodrigo Melo Franco de Andrade, que no ano de 2022 está em sua 35ª edição. Conforme o IPHAN, “a premiação reconhece, em nível nacional, ações de excelência para preservação e promoção do Patrimônio Cultural Brasileiro”

www.gov.br/iphan/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/premios/premio-rodrigo-melo-franco-de-andrade

⁶ Os envelopes da Clio, consistem em uma caixa contendo quatro envelopes, cada um deles organizados em torno de uma temática relacionada com a história local. A partir de cada uma das temáticas, é

básica", cujo objetivo é evidenciar como é possível trabalhar a história local em contexto de sala de aula e, ao mesmo tempo, apresentar caminhos metodológicos para a criação, na escola, de um repositório de fontes sobre a história local, dando início à criação de um arquivo⁷.

Já os encontros para a realização dos desenhos e roda de conversa, estão seguindo o formato já realizado nas edições anteriores, a saber: cada um dos encontros é iniciado com a atividade do desenhar, no entanto esta atividade apresenta objetivos distintos em cada encontro que se adequarão à dinâmica do lugar; compartilhamento dos desenhos; roda de conversa; apresentação/discussão sobre o que foi apreendido e registrado pelos participantes. Pretende-se que o material produzido em cada encontro seja organizado e editado para elaboração do produto final, que constará da montagem de uma exposição de desenhos que visa a publicização das atividades realizadas.

Até o momento da produção deste artigo, foi realizado 01 (um) encontro, no bairro Lagoa Azul, tendo como público-alvo um grupo de alunos da Escola Estadual Myriam Coeli, e duas atividades, descritas em seguida. A primeira tratou-se de uma oficina denominada "Oficina de Desenho: patrimônio e cotidiano", organizada pelos coordenadores do grupo USK Natal, juntamente com os professores Luciano Capistrano e Rhaissa Imperiano. A oficina foi dividida em dois blocos: no primeiro momento foi apresentado o conceito de Patrimônio Cultural e a relação com a identidade do sujeito e do lugar; no segundo, foram desenvolvidas atividades que tiveram como objetivo instigar os alunos a representar no papel os espaços que eles vivenciam cotidianamente. Os alunos foram convidados a ler e elaborar mapas representativos dos seus lugares de morada e de estudo. Para concretizar o aprendizado sobre a construção de mapas, estes foram, ainda, estimulados a representar no papel (desenhar mapas) as ruas do seu bairro. Após apresentar as ruas do bairro, os alunos foram, por fim, convidados a indicar, por um lado, os diversos caminhos por eles percorridos nesse espaço (de casa para a escola; de casa para o mercado; de casa para os espaços de lazer) e, por outro, a refletir sobre as modificações nesses trajetos ao longo do tempo. Nesse momento, foram identificadas convergências e divergências no que concerne ao traçado individual de cada um, bem como a forma como cada aluno percebeu as mudanças nos seus lugares de vivência. Esse diálogo entre as particularidades impressas nos mapas foram pontos explorados pelo professor para refletir junto à turma sobre a diversidade dos olhares sobre a comunidade, expressas num simples traçado do percurso casa-escola.

proposta uma oficina e uma série de atividades a serem desenvolvidas pelo professor com os seus alunos. Os envelopes foram organizados para serem aplicados com professores.

⁷ Capistrano, L. F. D. (2022). *Os Envelopes de CLIO: a elaboração de fontes para o ensino de História Local na escola básica*. Dissertação de Mestrado. Natal: Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Ensino de História, UFRN.

A segunda atividade teve como público o mesmo grupo que realizou a primeira atividade, porém o local de realização foi “na rua”. Tendo como tema o “comércio popular”, a atividade ocorreu na Avenida da Chegança, um local que podemos definir como lugar de sociabilidade. O local destaca-se por ser um polo comercial da região, em particular a feira e a avenida da Chegança, enquanto lugares geradores de emprego e de rendimento. Segundo o professor Luciano Capistrano, “conhecer estes espaços é construir o significado de identidade” (CAPISTRANO, 2022).

Antes de iniciar a atividade na Avenida da Chegança, os organizadores da atividade desenvolveram uma conversa prévia com os alunos, no sentido de apresentarem a lógica dos encontros Urban Sketchers, de modo a que pudessem obter um entendimento de como iria decorrer a referida atividade. Em seguida, o grupo deslocou-se para a Avenida da Chegança e deu-se início ao momento dos registros, por meio de desenhos, da prática cotidiana do lugar, notabilizando-se a força da atividade comercial e a relação desta atividade com o seu local de ocorrência (Figura 05).



Figura 05– Cartaz de divulgação e registros das atividades referentes ao primeiro encontro da edição Natal Desenhada – Zona Norte. Fonte: Acervo dos autores

Estava programada, em seguida, a roda de conversa, para a qual foram convidados a professora Joseane Dias Macena – Gestora Pedagógica do CEMEI Maria Abigahil, e especialista na história de Lagoa Azul –, assim como o poeta Venâncio Pinheiro, antigo professor da Escola Myriam Coeli. Infelizmente, ocorrências relacionadas à apresentação de quadro viral COVID 19, impediram a participação dos convidados, o que acarretou a não realização da atividade. Apesar deste impedimento, foi dada

continuidade ao evento, através do compartilhamento dos desenhos na tradicional "exposichão".

Considerações finais

Procurando refletir sobre os cinco anos de projeto de extensão, podemos inferir que o apropriar pelo observar / desenhar – que possibilita a permanência e interação com o lugar –, se trata de uma ação indispensável para a criação de laços de afetividade e de pertencimento para com os lugares. Nas edições presenciais a interação com o lugar mostrou-se essencial para esse reconhecimento, de modo que foi possível fomentar as discussões acerca das dificuldades encontradas nas tentativas de valorização / requalificação dos espaços, bem como discussões acerca do processo de descaso / abandono vivenciado pelos bairros. No entanto, a interação dos desenhadores entre si e com os transeuntes, no momento em que os registros são feitos, que é fundamental para a troca de experiências e para atração e sensibilização de outras pessoas acerca do patrimônio cultural, foi completamente eliminada no modo virtual.

As ferramentas digitais adotadas pelo projeto, que possibilitaram a realização dos encontros virtuais, apresentam limitações e, portanto, não são capazes de substituir a experiência de “estar no lugar”, isto é, a experiência presencial/sensorial do corpo na cidade. Porém, permitiram conectar virtualmente os participantes que voltaram às suas cidades de origem, possibilitando, também, a participação de pessoas de várias cidades, de outros estados e até de outros países.

As experiências reforçaram o nosso entendimento acerca da importância das ações de extensão no processo de aproximação entre os saberes acadêmicos e a realidade vivenciada nas nossas cidades. Reforçamos, finalmente, a importância da utilização das bases conceituais, vinculadas ao entendimento mais alargado do que venha a ser a definição de patrimônio, incorporando a estes a prática cotidiana, bem como o nosso entendimento acerca do que vem a ser educação patrimonial, como processo educacional que extrapola os muros das escolas e insere os contextos socioculturais na sua gênese.

Nesta edição em vigor, estão programadas mais duas atividades. A primeira, com o tema “Produção agrícola e assentamento ambiental” será realizada no assentamento agrícola do Gramorezinho, que se localizado no interior da Zona de Proteção Ambiental 9 (ZPA 9), também definido, pelo Plano Diretor de Natal de 2007, como Área Especial de Interesse Social (AEIS). É um lugar de produção agrícola, integrada no Projeto Amigo Verde, sendo hoje um dos principais pólos produtores de agricultura urbana de Natal, fornecendo produtos hortícolas orgânicos para diversos mercados e feiras. A segunda terá como tema “A cultura indígena” e será realizada no Sítio histórico e ecológico Gamboa do Jaguaribe, local onde é desenvolvido, há mais de 15 anos, um projeto de reflorestamento de uma antiga área de produção de caju e viveiros de camarão, na qual

são desenvolvidas atividades de preservação de espécies da mata atlântica, tal como, de um modo geral, da cultura dos povos originários. A área está incluída na Zona de Proteção Ambiental 8 da cidade de Natal, localizada entre os bairros de Salinas e Redinha, e anterior reduto dos povos potiguaras.

Através da realização destes dois encontros adicionais, entendemos que se consolida a premissa da visão mais alargada do patrimônio, reforçando a inclusão do patrimônio ambiental e da cultura indígena.

Referências

- Brasil. IPHAN (2019). Portaria Nº 15, de 21 de janeiro de 2019. DOU Nº 33. [Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/legislacao/portarian1521dejaneirode2019.pdf>, consultado em: 12/09/2022]
- Brasil, IPHAN (2014). *Educação Patrimonial: histórico, conceitos e processos*. Brasília: IPHAN. [Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Educacao_Patrimonial, consultado em: 12/09/2022]
- Capistrano, L. F. D. (2022). *Os Envelopes de CLIO: a elaboração de fontes para o ensino de História Local na escola básica*. Dissertação de Mestrado. Natal: Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Ensino de História, UFRN.
- Freire, P. (2011). *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra
- Kuschnir, K. (2012). *Desenhando Cidades*. Revista sociologia & antropologia, v.02.04.
- Nascimento, J. C. & Cavalcante, E. S. (2022). Natal Desenhada, edição Alecrim: como foi possível estar no lugar durante a pandemia. Anais do XXXVIII ENSEA.
- Urban Sketchers em Lisboa (2012). *Desenhando a Cidade*. Lisboa: Quimera Editores.